

ensaio sobre um tecido que dizia não

joão josé gomes dos santos & leila domingues machado

Não tenho nada a dizer. Somente a mostrar.

Não surrupiarei coisas valiosas, nem me apropriarei de formulações espirituosas.

*Porém, os farrapos, os resíduos: não quero inventariá-los,
e sim fazer-lhes justiça da única maneira possível: utilizando-os.*

Walter Benjamin

Este ensaio deriva de fragmentos de uma dissertação de mestrado que se arrisca na fabulação de um corpo rasurado de histórias, o corpo imundo¹, como aquele forjado através das experiências na cidade. Corpo esfacelado e marcado se fazendo nas travessias urbanas. A pele que recobre o corpo imundo é então inteiramente alinhavada de retalhos e refugos, fragmentos e imagens do cotidiano que a todo o momento intentam inquirir

João José Gomes dos Santos é formado em Psicologia pela Universidade Federal de Sergipe, mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo e pesquisador do Laboratório de Imagens da Subjetividade (LIS/UFES). Leila Domingues Machado é doutora em Psicologia Clínica pela PUC-SP, com pós-doutorado em Psicologia Social na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, professora do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo e coordenadora do Laboratório de Imagens da Subjetividade (LIS/UFES). Contato: juaumsantos@hotmail.com.

o presente. Assim, o corpo imundo produziu um *ethos* a partir das errâncias pela cidade, um modo de conduzir-se, de guiar-se e relacionar-se consigo, com os outros e com o mundo². No *ethos* imundo, a errância encontra a pele suja de mundo que, através das experiências, fica marcada e se faz e desfaz em fragmentos e imagens. A pele imunda narra os itinerários produzidos pela cidade na carne, onde se encontram as rasuras, as sujeiras do mundo.

No entanto, vale ressaltar que este não foi um trabalho desenvolvido solitariamente. Ao contrário, fala sobre “coisas que se passam na pele da cidade”, título do projeto desenvolvido atualmente pelo Laboratório de Imagens da Subjetividade. Trabalho de inspiração foucaultiana quando se questiona sobre o que temos feito de nós mesmos. Uma questão disparadora que roça e problematiza os modos de viver que temos produzido no contemporâneo em nossas cidades. Tal questão fazia-nos sair às ruas para ouvir suas histórias, histórias de concreto e de carne, de vidas anônimas que poderiam muito bem passar despercebidas... Histórias que ouvimos tentando praticar um processo de “des-subjetivação”, onde o dito não pertence mais àquela boca que narrou, nem aos ouvidos que ouviram; não é de um, nem é de outro, é qualquer coisa pelo meio. Dessas histórias se produziram imagens e palavras, mas também as palavras podem confabular imagens que, quando partilhadas, racham algo que é da dimensão do próprio, da vivência individual, e nos enlaçam numa dimensão do comum, numa experiência. Assim também esse trabalho foi feito com pedaços espalhados entre um e outro. Talvez caiba a nós, como trapeiros, um ofício de colecionadores destes cacos, das rasuras que impregnam a pele. Portanto, o ensaio aqui apresentado compõe com imagens do cotidiano

um fragmento narrativo que fora costurado ao tecido imundo no corpo da referida dissertação. As imagens em fragmentos que impregnam a pele suja de mundo lampejam, neste sentido, como artefatos bélicos na luta política pela ampliação da vida.

Aquele tecido branco, manchado de vermelho vivo, emitia estranhos prenúncios de uma história acabada. O pano velava dois corpos de moradores de rua que haviam sido mortos enquanto dormiam³, a pauladas e pedradas na cabeça. Dormiam em um parque, numa área erma e mal iluminada, por isso não foi possível captar registros pelas câmeras de segurança, dizia a notícia. O tecido branco manchado de sangue, os corpos desfigurados e não reconhecidos, pedradas e pauladas no meio do sono, anunciavam uma história encerrada. O pano branco sujo de sangue acobertava os corpos quietos, encerrando-lhes um final.

Numa esquina, entre a parede e uma banca de jornal, um outro pano branco cobria um corpo. Este, porém, inquieto. O vento forte da madrugada negava-lhe o sossego. O tecido, sujo de rua e esfarrapado, vibrava com a força do sopro noturno. Contaria também uma história encerrada aquele pano imundo? Nervoso, o corpo encolhido sob o tecido revirava-se de um lado para o outro. O vento soprava sobre o pano rejeitando qualquer quietude; poderia aquele tecido narrar uma outra história sem final? Teria força suficiente para desertar o definitivo?

Aquela outra rua estava cheia de bichos escrotos. Haviam saído dos esgotos e debatiam-se contra a morte que lhes assediava. Baratas e besouros com as

patinhas trêmulas reviradas para cima; naquela rua, dezenas já haviam morrido, outros ainda ousavam lutar contra a certeza de uma história acabada. Mais adiante, trabalhadores de uma empresa de dedetizações haviam entrado no carro que acabara de dar a partida. Escritas na lataria da viatura existiam publicidades da empresa, chamava-se Kafka Controle de Pragas. A ironia daquele nome fazia lembrar a novela kafkiana escrita em 1912, na qual, em certa manhã, Gregor Samsa acordara de sonhos intranquilos metamorfoseado em um inseto monstruoso⁴. O nome que havia dado vida àquela novela em que um homem comum transformava-se num besouro agora aniquilava as pragas das ruas. Poderiam os homens hoje em dia também metamorfosear-se em ratos e baratas? Qual seria o controle exercido sobre estas pragas? Uma antiga notícia sugere um indício⁵. Gritos e gemidos de dor acordaram a vizinhança. Sete homens e uma mulher agonizavam vomitando sangue e tendo convulsões em uma praça de Belo Horizonte. Na noite anterior, eles haviam encontrado uma garrafa de cachaça próxima ao local onde dormiam. Beberam o líquido e passaram mal, pois nele havia chumbinho, veneno para matar ratos. Como pessoas poderiam ser metamorfoseadas em ratos e baratas, atualizando a história kafkiana? Quais dedetizações funcionam no controle destas pragas? Que rusgas urbanas poderiam lhes tolher o fardo de uma história com conclusão definitiva?

As luzes chegavam às praças e ruas do centro da cidade. Uma nova iluminação se fazia para afastar a “epidemia do crack” e garantir mais segurança à população. Sirenes passavam a gritar constantemente durante as madrugadas do centro. Contra os usuários de crack, luzes de postes

e urbanização, produção de informações, cadastros e monitoramento através da ação conjunta das polícias, traduzindo tais dados em segurança pública⁶. Na cidade que se insinuava, a população podia “ficar sossegada, porque as praças de Vitória vão voltar a ser locais de lazer, onde todos poderão desfrutar as belezas da cidade, com higiene e segurança. Todos têm o direito de ir e vir, mas não de permanecer para criar problemas para a maioria”⁷. “Todos têm direito de ir e vir, porém não de permanecer” – esta frase ressoava como um eco e repetia. Era preciso fazer circular.

Na Praça Costa Pereira, centro de Vitória, parte do gramado e dos jardins havia morrido por excesso de água. Enquanto em um lado da praça o gramado era exuberantemente verde, nos cantos, próximos aos assentos, havia somente uma terra encharcada e morta. Por ali, alguns pedaços de papelão molhados, restos de colchões e pertences. As pessoas que dormiam debaixo dos bancos durante a madrugada diziam que os responsáveis pelas regas de água nos jardins da praça propositalmente encharcavam aquelas áreas para acordá-los ou molhar os papelões e colchões impedindo-os de dormir. Os jatos de água matavam o gramado por excesso exatamente onde efetuavam um trabalho de higienização, lavando e expelindo o que se considerava lixo. Havia também as batidas policiais que os recolhiam das ruas, mandando-os deliberadamente para outras cidades pela rodoviária, ou apreendendo seus escassos pertences e documentos. Jatos de águas que serviriam para regar os jardins da praça e as sirenes policiais faziam a função de dedetização e limpeza urbana. Ecos daquela nova política na qual, com higiene e segurança, todos têm o direito de ir e vir, mas nunca de permanecer. Um problema muito antigo, mas não tanto,

Ensaio sobre um tecido que dizia não

de circulação ressoava, onde “tratava-se de organizar a circulação, de eliminar o que era perigoso nela, de separar a boa circulação da má, de maximizar a boa circulação diminuindo a má”⁸. O pano branco inquieto com a força do vento insistia em dizer não.

Para que todos tenham direito de ir e vir, mas nunca de permanecer, com higiene e segurança, deve-se implantar um conjunto de técnicas e procedimentos para uma boa circulação. Tal conjunto remete aos fins do século XVII, junto ao surgimento do capitalismo, num quadro de poderes e saberes que passaram vagarosamente a incidir sobre o corpo e posteriormente sobre as populações, quando a problemática da gestão das multidões aparece com maior clareza. A este quadro, poder-se-ia chamar de biopoder⁹. Se, por um lado, uma anátomo-política centrou-se no corpo enquanto máquina, “no seu adestramento, na ampliação de suas aptidões, na extorsão de suas forças, no crescimento paralelo de sua utilidade e docilidade, na sua integração em sistemas de controle eficazes e econômicos”¹⁰, por outro lado, uma biopolítica da população, de nascimento mais tardio que a primeira, centrou-se no corpo-espécie, nas populações enquanto suporte de processos biológicos, “a proliferação, os nascimentos e a mortalidade, o nível de saúde, a duração da vida, a longevidade, com todas as condições que podem fazê-los variar”¹¹. As disciplinas do corpo, juntamente aos programas de gestão das populações, constituem, assim, dois polos acerca dos quais se desenvolveram e se organizaram as incidências do poder sobre a vida cotidiana. Neste sentido, o biopoder foi “elemento indispensável ao desenvolvimento do capitalismo, que só pôde ser garantido à custa da inserção

controlada dos corpos no aparelho de produção e por meio de um ajustamento dos fenômenos de população aos processos econômicos”¹².

Se, por um lado, estes dois conjuntos de mecanismos – um disciplinar e o outro regulamentador – não se encontram no mesmo nível – um incidindo sobre os corpos individualizados, o outro sobre a população –, por outro lado isto possibilita que não se excluam. Aliás, faz com que se articulem, se comuniquem. Temos como exemplo desta relação a cidade, não como apenas a sonharam, mas como efetivamente se constituiu no século XIX. Ela articula de certo modo os procedimentos disciplinares sobre os corpos, através da localização das famílias, que devem cada uma residir em uma casa, e, conseqüentemente, dos indivíduos, que devem cada qual habitar um quarto. “Recorte, pôr indivíduos em visibilidade, normatização dos comportamentos, espécie de controle policial espontâneo que se exerce assim pela própria disposição espacial da cidade”¹³. Perpendicularmente, toda uma série de mecanismos regulamentadores que incidem sobre a população de maneira global, “regras de higiene que garantem a longevidade ótima da população; pressões que a própria organização da cidade exerce sobre a sexualidade, portanto sobre a procriação; as pressões que exercem sobre a higiene das famílias, os cuidados dispensados às crianças; a escolaridade, etc”¹⁴. É através da norma que estes dois níveis de intervenção podem se articular, aplicando-se tanto ao corpo que se quer disciplinar, quanto às populações que se quer regulamentar. “A sociedade de normatização é uma sociedade em que se cruzam, conforme uma articulação ortogonal, a norma da disciplina e a norma da regulamentação”¹⁵.

Nos atravessamentos entre os mecanismos que incidem sobre os corpos e os mecanismos que incidem sobre as populações, a mistura urbana torna-se objeto privilegiado de intervenções. A cidade é vista aqui como causadora e potencializadora de doenças morais e físicas. A multidão é entendida como lugar da desordem, do amontoado de corpos que se encontram e transmitem entre si males diversos. É nesse sentido que se implementam dispositivos de segurança para melhor gerir a circulação, seja de miasmas, seja de pessoas, seja de mercadorias. Iluminar, urbanizar, higienizar, fazer circular, não permitir a permanência, são verbos constantemente conjugados pelos procedimentos de gestão das populações, desde seu aparecimento no século XVIII. Os dispositivos de segurança implementados na regulamentação das cidades se apoiam em um certo número de dados pré-existentes, procurando criar um ambiente em função destes dados materiais, ou de acontecimentos possíveis. Noções que necessariamente integram o cálculo da série que será preciso regulamentar num contexto movediço e polivalente.

“Enfim, acredito que possamos falar aqui de uma técnica que se vincula essencialmente ao problema da segurança, isto é, no fundo, ao problema da série. Série indefinida dos elementos que se deslocam: a circulação, número x de carroças, número x de passantes, número x de ladrões, número x de miásmas, etc. Série indefinida dos elementos que se produzem: tantos barcos vão atracar, tantas carroças vão chegar, etc. Série igualmente indefinida das unidades que se acumulam: quantos habitantes, quantos imóveis, etc. É a gestão dessas séries abertas que, por conseguinte, só podem ser controladas por

uma estimativa de probabilidades. É isso, a meu ver, que caracteriza essencialmente o mecanismo de segurança”¹⁶.

Dentre estes dispositivos de segurança surge a medicina social urbana como um saber que interfere na urbe produzindo condições salubres de vida. É este saber que viabiliza a higiene pública enquanto um agrupamento de técnicas e procedimentos que visam banir a insalubridade dos espaços para garantir saúde à população. A medicina social urbana surge na França do século XVIII com a intenção de pôr em análise as regiões de amontoamento de matéria; em seguida, visando o controle sobre a boa circulação de ar e água pelos veios do espaço urbano; e por último, a organização dos espaços da cidade através do seu esquadramento para sua melhor utilização, estabelecendo também uma lógica de funcionamento.¹⁷

“A medicina urbana não é verdadeiramente uma medicina dos homens, corpos e organismos, mas uma medicina das coisas: ar, água, decomposições, fermentos; uma medicina das condições de vida e do meio de existência”¹⁸. Este pensamento sanitarista foi um dos principais argumentos apresentados na limpeza urbana empreendida pelo Barão Haussmann, então prefeito de Paris na segunda metade do século XIX. Em meio à profusão de gente circulando pela cidade, a medicina social inglesa toma o corpo do trabalhador como objeto. Passa a cuidar do corpo do pobre com o intuito de evitar enfermidades físicas e morais, pois, ao tempo que deve ser mantido saudável por ser fonte de trabalho, é também identificado como foco epidêmico para as classes mais abastadas. Assim, este sistema inglês possibilitou alinhar três procedimentos : “assistência médica ao pobre, controle de saúde da força de trabalho e esquadramento geral

Ensaio sobre um tecido que dizia não

da saúde pública, permitindo às classes mais ricas se protegerem dos perigos gerais”¹⁹.

Todos têm o direito de ir e vir, mas não de permanecer. Fazer circular com higiene e segurança. Iluminar e urbanizar para afastar epidemias. Ecos destas frases atravessam a história e fazem com que ela salte como um lampejo frente aos perigos do agora. O desenho das articulações entre os poderes que incidem sobre os corpos e que regulam as populações faz viver, porém, deixa morrer. Kafka talvez pressentisse os perigos que fazem com que homens pudessem se tornar besouros monstruosos, os quais o higienismo deveria deliberadamente dedetizar. Contudo, o vento continuava a soprar insistentemente sobre aquele pano branco, em uma esquina do centro, fazendo com que o corpo sob ele se revirasse de um lado para o outro. Atormentado, aquele tecido imundo dizia não ao repetir uma história acabada. Rejeitava com violência as veleidades do pano branco que se avermelha.

Notas

¹ O imundo, como aquele que se expõe ao mundo, “in-mundo”, foi o dispositivo operado na escrita da dissertação de mestrado de João José Gomes dos Santos defendida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo, em 2014, com o título *Corpo rasurado de histórias*. Na referida dissertação, a pele imunda – que se suja de mundo – é inteiramente alinhavada por fragmentos e imagens do cotidiano, rasuras das experiências urbanas pelas quais o corpo imundo é atravessado em suas errâncias pela cidade. O presente ensaio consiste em um destes fragmentos narrativos que marcaram a pele durante o processo de pesquisa.

² Michel Foucault. “O que são as Luzes?” in *Ditos & Escritos II – Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Organização de Manoel Barros da Motta. Tradução de Elisa Monteiro. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2008a.

³ G1 Espírito Santo. “Moradores de rua são encontrados mortos em Vitória” in *Notícias*. Espírito Santo, 04/02/2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/2013/02/moradores-de-rua-sao-encontrados-mortos-em-vitoria.html> (acesso em: 25/04/2014).

⁴ Franz Kafka. *A metamorfose*. Tradução de Modesto Carone. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

⁵ R7 Notícias. “Oito moradores de rua são envenenados em BH” in *Cidades*. Espírito Santo, 15/05/2011. Disponível em: <http://noticias.r7.com/cidades/noticias/oito-moradores-de-rua-sao-envenenados-na-pampulha-20110515.html> (acesso em: 25/04/2014).

⁶ G1 Espírito Santo. “Combater ‘epidemia do crack’ em Vitória é prioridade de Luciano” in *Notícias*. Espírito Santo, 29/10/2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/espírito-santo/eleicoes/2012/noticia/2012/10/combater-epidemia-do-crack-em-vitoria-e-prioridade-de-luciano.html> (acesso em: 25/04/2014).

⁷ Secretaria de Comunicação da Prefeitura de Vitória. “Prefeitura acolhe moradores de rua e usuários de crack em locais públicos” in *Notícias*. Vitória, 16/02/2013. Disponível em: <http://www.vitoria.es.gov.br/secom.php?pagina=noticias&idNoticia=10566> (acesso em: 25/04/2014).

⁸ Michel Foucault. *Segurança, território, população*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo, Martins Fontes, 2008b, p. 24.

⁹ Michel Foucault. *História da sexualidade I – A vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 2009.

¹⁰ Idem, p. 151.

¹¹ Ibidem, p. 152.

¹² Ibidem, p. 153.

¹³ Michel Foucault. *Em defesa da sociedade*. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo, Martins Fontes, 2010, p. 211.

Ensaio sobre um tecido que dizia não

¹⁴ Idem, p. 211.

¹⁵ Ibidem, p. 213.

¹⁶ Michel Foucault, 2008b, op. cit., p. 27.

¹⁷ Michel Foucault. “O nascimento da medicina social” in *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro, Edições Graal, 2007.

¹⁸ Idem, p. 92.

¹⁹ Ibidem, p. 97.

Resumo

Em uma esquina, um pano branco cobria um corpo que tremia. Inquieto, o corpo mal coberto revirava-se de um lado para o outro, o vento sacudia o pano branco não lhe concedendo paz. Agitado, o tecido rejeitava a quietude de uma história acabada, o pano branco que cobria o corpo inquieto dizia não para uma história de final certo, negava violentamente as veleidades do definitivo. Este ensaio discute políticas urbanas empreendidas no contemporâneo, tendo como ponto de partida algumas imagens cotidianas: violências contra pessoas em situação de rua, políticas de controle e gestão das populações, bem como uma insolente resistência frente às histórias acabadas. Deste modo, traz algumas contribuições do pensamento foucaultiano problematizando as políticas de limpeza urbana empreendidas no contemporâneo, assim como uma aposta política na força e na inquietude do tecido que diz não.
Palavras-chave: experiência urbana; cotidiano; biopolítica

Abstract

In a corner, a white cloth covers a trembling body. Restless, the barely covered body rolled up from one side to the other, the wind shook the white cloth without letting it in peace. Shaken, the fabric rejected the stillness of a finished story, the white cloth that covered the restless body was saying no to a history previous end, violently denying the claims of definition. This essay discusses the urban policies undertaken in the contemporary, taking as its starting point some everyday images: violence against people on the streets, political control and management of populations, as well as a cheeky resistance to the finished stories. Thus, brings a contribution of Foucault's thinking, problematizing urban cleaning policies undertaken in the contemporary, as well as brings a policy emphasis on strength and restlessness of fabric that says no.
Keywords: urban experience; daily life; biopolitics.

Essay about a fabric that used to say no, João José Gomes dos Santos e Leila Domingues Machado.

Recebido em 22 de julho de 2014. Confirmado para publicação em 15 de setembro de 2014.